

O CONTEXTO DE SAÚDE ENTRE PROFISSIONAIS DO SEXO NO MUNICÍPIO DE GOIANÉSIA (GO)

Bruna Póvoa Ribeiro¹, Brunna Lara Cardoso¹, Amanda Cristina Gonçalves¹, Ana Carla Gonçalves¹, Angélica Karina Matias¹, Thamires Fernanda Firmiano¹, Éder Mendes²

¹ Graduando pela Faculdade Evangélica de Goianésia – FACEG.-

² Professor da Faculdade Evangélica de Goianésia – FACEG

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar os aspectos de saúde e da vivência entre profissionais do sexo no município de Goianésia (GO). A coleta de dados se deu por meio de questionário semiestruturado, aplicado a quatro trabalhadoras do sexo, maiores de 18 anos residentes e trabalhadoras de estabelecimentos fixados na periferia da cidade. Além de tratar de temas como Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), outros assuntos foram levantados, dentre os quais: se há satisfação em exercer a profissão, qual ou quais fatores levaram a trabalhar nesse meio, a existência ou não de agressões por parte dos clientes, o conhecimento da importância do uso da camisinha nas relações sexuais, a frequência com que procuram alguma unidade hospitalar e como elas avaliam o atendimento em saúde quando os procuram

Palavras-chave: análise de vulnerabilidade, infecções sexualmente transmissíveis, sexualidade, atendimento integral à saúde da mulher.

INTRODUÇÃO

O Ministério do Trabalho e do Emprego, reconhece o trabalho de profissionais do sexo como uma atividade econômica informal. Mesmo assim, os estigmas em torno dessa profissão continuam arraigados na sociedade, fazendo com as mulheres que se sujeitam ao emprego sejam discriminadas e pouco valorizadas (BRITO *et al.*, 2019).

Além do preconceito, as trabalhadoras do sexo enfrentam dificuldades relativas ao próprio exercício laboral como exposição a violência física, psicológica e risco direto a infecções transmissíveis, sejam elas sexuais ou não (GELHEN, 2018).

Não obstante, devido a quantidade e diversidade de parceiros sexuais, a não vinculação do sexo ao prazer, bem-estar e reprodução, a prática do sexo compulsório e a possibilidade de uma gravidez indesejada colocam estas mulheres em uma situação de extrema vulnerabilidade (COUTO *et al.*, 2019).

Ademais, entre as populações que possuem comportamento de risco para Infecções Sexualmente Transmissíveis, estão incluídas as profissionais do sexo. Um estudo demonstrou, que entre estas, os dados tem se mostrado bastante elevados, com prevalência do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) em 11,8% de 99. 878 profissionais pesquisadas em 51 países (MATOS *et al.*, 2013).



No Caribe e na América Latina, o vírus da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), atinge trabalhadoras do sexo com doze vezes mais chance de serem positivas para HIV do que mulheres que não trabalham nesse ramo (SOUZA, 2017).

Levando-se em conta os diversos riscos aos quais as profissionais do sexo estão submetidas o objetivo do presente estudo é demonstrar a realidade destas mulheres no município de Goianésia (GO) e quais são seus conhecimentos relacionados à própria saúde.

MÉTODO:

Realizou-se pesquisa de caráter descritivo, exploratório e utilizando a metodologia qualitativa de Avaliação Antropológica Rápida, por meio da aplicação de questionário semiestruturado a quatro profissionais do sexo do município de Goianésia (GO). Duas profissionais trabalhavam no estabelecimento “K” enquanto outras duas eram trabalhadoras do estabelecimento “W”.

Foram estabelecidos como critérios de inclusão: trabalhadoras do sexo maiores de 18 anos e, como critérios de exclusão: mulheres que se recusassem a participar da entrevista ou que estivessem ausentes do local no período. A coleta de dados foi realizada no mês de outubro de 2018.

Em nossas análises observamos a existência de aspectos comuns entre as participantes. Duas das profissionais entrevistadas permitiram a gravação de suas entrevistas que foram transcritas e analisadas, e

as que não permitiram gravação também tiveram seus registros anotados sem que houvesse modificação de seu conteúdo. A identidade das entrevistadas foi preservada, dessa forma, atribuímos nomes fictícios às participantes.

RESULTADOS:

A análise de conteúdo foi feita com base em relatos das entrevistadas segue abaixo. Para substituir os nomes das entrevistadas, utilizamos os pseudônimos: Orquídea, Margarida, Azaleia e Tulipa.

Questionamento 01 - Quais motivos levaram a ingressar na profissão?

“Já fui casada duas vezes, quando termino um relacionamento volto para o cabaré. Sou de Minaçu, lá falta emprego ou então o salário não compensa; não fazia nada da vida e o salário mínimo não é bom, aqui no cabaré tenho dinheiro todos os dias”.
(Orquídea)

“Necessidade.” (Margarida)

“Entrei praticamente sem saber, precisei fazer um programa porque estava em Minas Gerais e tinha que voltar, como não tinha dinheiro para a passagem, me prostitui. Depois, continuei principalmente para sustentar os meus filhos.”
(Azaleia)

“Necessidade mesmo.” (Tulipa)



Questionamento 02 - Como você classifica o local de trabalho (em relação a questões de higiene)

“Tudo limpo. Nós mesmas arrumamos e limpamos” (Orquídea)

“Às vezes fica arrumado, mas hoje tá uma bagunça porque ontem teve um frevo aqui, e tá uma bagunça (risos)”. (Margarida)

“Cada uma possui seu quarto e é responsável pela limpeza dele. Tudo é limpinho”. (Azaleia)

“Às vezes fica limpo, às vezes não (risos)”. (Tulipa)

Questionamento 03 - Se sente bem realizando seu trabalho ou caso houvesse meios de abandoná-lo abandonaria?

“Não. Claro que abandonaria, estou tentando achar um emprego”. (Orquídea)

“Com certeza abandonaria, me sinto um lixo quando saio do quarto, se eu pudesse tomaria um banho que Q boa e sabão em pó quando saio do quarto... Meu sonho é mudar de emprego.” (Margarida)

“Acho que ninguém aceita, é constrangedor. Abandonaria com certeza.” (Azaleia)

“Já acostumei, não quero isso pra sempre mas o dinheiro é rápido”. (Tulipa)

Questionamento 04 - Faz exame de prevenção? Quando vai às unidades de saúde realizar o procedimento é bem atendida?

“Sim. Faço de seis em seis meses que é o certo e sempre sou bem atendida.” (Orquídea)

“Sim. Faço exame de prevenção mas não é sempre que sou bem atendida, às vezes elas estão com a cara fechada e mal conversam com a gente”. (Margarida)

“Sempre bem atendida. Faço exame na minha cidade (Itapaci), aqui não porque já acostumei em fazer lá.” (Azaleia)

“Sim. De seis em seis meses. Não fui bem atendida todas as vezes não, depende do dia delas.” (Tulipa)

Também perguntamos às entrevistadas sobre a quantidade de filhos que possuem, se já sofreram aborto, utilizam camisinha e/ou outros métodos contraceptivos. Os resultados encontram-se no gráfico 1.1. Além disso, elas foram questionadas se sofrem ou sofreram agressões psicológicas e/ou físicas por parte dos clientes e sobre o consumo ou não de drogas ilícitas ou não e os resultados estão demonstrados no gráfico 1.2.

DISCUSSÃO:

Em conformidade com o presente estudo, uma pesquisa demonstrou que as profissionais analisadas não se sentem sempre confortáveis ou são atendidas adequadamente quando procuram as



unidades de saúde. No entanto, a pesquisa divergiu dos nosso estudo, ao apontar que apenas uma, das oito entrevistadas, procurava regularmente atendimento em saúde (BRITO, 2019).

Neste trabalho, 50% das profissionais entrevistadas apresentou certa relutância em procurar unidades básicas de saúde e 25% afirmou não procurar nenhuma unidade básica no município de Goianésia para execução de exames de rotina por se sentir mais confortável em sua cidade natal.

No que tange aos fatores que conduzem a este ofício, MOLINA (2005), afirma que a prostituição é representada como um mal necessário, pois é vista como algo lucrativo que pode satisfazer os desejos materiais tanto da profissional como de sua família, rompe com o ideal de moral da mulher.

Em conformidade com a mas que ainda autora supracitada, nossos estudos mostraram que todas as entrevistadas não se mostram satisfeitas com a profissão e relataram que o principal motivo para se manterem nela é a questão financeira. As mulheres elucidaram que caso tivessem oportunidades de empregos mais rentáveis, abandonariam prontamente a atual atividade laboral.

Concordando com os achados de (MATOS, 2013), em nosso estudo também foram encontrados os seguintes dados: participantes possuem baixa escolaridade e são consumidoras de álcool, com idade entre 15 e 40 anos e em sua maioria, relataram utilizar preservativos em todas as relações sexuais.

CONCLUSÕES:

Observou-se que, apesar de o presente estudo ter se realizado apenas com 4 mulheres, seus relatos foram semelhantes àqueles encontrados na bibliografia consultada, no sentido de ser a questão financeira a principal responsável por manter estas trabalhadoras nesse ofício. Para tanto, nota-se que além de os profissionais de saúde terem um olhar voltado para essas profissionais, é muito importante que o poder público no geral esteja empenhado em desenvolver estratégias para evitar a evasão escolar precoce de mulheres mais pobres, garantindo assim um futuro com maiores perspectivas.

Ademais, o uso de álcool foi constatado em 100% dos casos, apenas 25% se declararam fumantes e 25% afirmaram fazer uso de algum tipo de droga ilícita. Em relação às ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), todas elas afirmaram que nunca contraíram nenhum tipo, que conhecem as principais e se cuidam para evita-las, mesmo assim, é indispensável que mais informações cheguem até essas mulheres para que o conhecimento delas em relação ao autocuidado seja aprimorado.

A camisinha foi apontada como indispensável em todas as relações sexuais e 100% das entrevistadas disseram que jamais engravidaram de algum cliente. As análises também demonstraram que o grau de escolaridade das participantes é baixo, fator que contribui para a dificuldade em encontrar empregos que sejam tão rentáveis quanto sua profissão atual.



Diante do exposto, faz-se necessário a busca ativa, pelos profissionais de Enfermagem a essas mulheres, além de educação permanente sobre a melhoria da qualidade nos atendimentos em saúde para que estas profissionais e outros grupos vulneráveis, que tanto necessitam de auxílio em saúde, se sintam encorajadas a procurar atendimento preventivo e curativo.

REFERÊNCIAS:

BRITO, N. S et al. Cotidiano de trabalho e acesso aos serviços de saúde de mulheres profissionais do sexo. **Rev Rene**, v. 20, n. 41, 2019.

GEHLEN, R.G et al. Situações de vulnerabilidade a violência vivenciada por mulheres profissionais do sexo: estudo de caso. **Rev Ciencia y Enfermeria**, v. 24, n. 8, 2018.

COUTO, P. L. S; PEREIRA, A. B; CARVALHO, J. S. Uso de anticoncepcionais por prostitutas: correlação com marcadores de vulnerabilidade social. **Acta Paul Enf**, v. 32, n. 5, 2019.

PAIVA, L. L; NASCIMENTO, E. G. C; ALCHIERI, J. C. A vivência das profissionais do sexo. **Saúde em debate**, v. 37, n. 98, 2013.

MATOS, M. A et al. Vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis, em mulheres que comercializam sexo em rota de prostituição e turismo sexual na região central do Brasil. **Rev Latino – Am. Enfermagem**, v. 21, n. 4, 2013;

MOLINA, A. M. R; KODATO, S. Trajetória de vida e representações sociais acerca da prostituição juvenil segundo suas participantes. **Temas em Psicologia da SBP**, v. 13, n. 1, 2005.

